

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

REIS, Aylda Pereira. *Aylda Pereira Reis (depoimento, 2002)*. Rio de Janeiro, CPDOC/MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2002.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC-FGV e MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

AYLDA PEREIRA REIS
(depoimento, 2002)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Angela Maria de Castro Gomes; Dulce Chaves Pandolfi

levantamento de dados: Angela Maria de Castro Gomes

pesquisa e elaboração do roteiro: Angela Maria de Castro Gomes

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 30/04/2002

duração: 2h 5min

fitas cassete: 03

páginas: 35

Entrevista realizada no contexto do projeto "Memória da assistência social no Brasil: constituição de banco de entrevistas", desenvolvido em convênio com o Ministério da Previdência e Assistência Social através de sua Secretaria de Estado de Assistência Social, entre 2001 e 2002, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos sobre o tema a ser disponibilizado no CPDOC e no Centro de Referência e Estudos da Assistência Social.

Sumário

Entrevista: 30.04.2002

Fita 1-A: Data e local de nascimento; informações sobre os pais; mudança para o Rio de Janeiro; primeiros estudos em Porto Alegre: curso básico, Escola Normal; fundação do Instituto de Educação Familiar e Social do Rio de Janeiro; ingresso de Dona Aylda na Escola de Serviço Social deste Instituto sob orientação do padre Leonel Franca; formação católica dos fundadores do Instituto Social (Alceu Amoroso Lima e Estela de Faro); Escola de Serviço Social de Paris serve de modelo para a Escola do Rio: educadoras francesas vêm organizá-la; primeira sede do Instituto Social (Rua Dona Mariana); interesse de Dona Aylda pelo programa da Escola e pelo serviço social; grande envolvimento de Dona Aylda com a Escola: ela ganha a confiança das diretoras francesas e torna-se monitora, supervisora, e finalmente diretora; atribuições das assistentes francesas dentro do Instituto Social; Dona Aylda participa da elaboração da legislação, exigida pelo Ministério da Educação e Saúde, que regula a Escola e a profissão de assistente social; apresentação da tese de conclusão do curso de Serviço Social: participação do Ministro Gustavo Capanema na banca examinadora; depois de formada, Dona Aylda é enviada para organizar o curso de Serviço Social da Escola Ana Néry; informações sobre as profissionais francesas ligadas ao Instituto Social; formação diversificada das primeiras profissionais do serviço social, que atuavam em hospitais, fábricas e instituições de menores; atuação e influência de Mademoiselle Marsaud, que “tinha entrada nos ministérios” brasileiros; primeiras alunas da Escola de Serviço Social vinham de colégios religiosos particulares; francesas do Instituto Social pertenciam a ordem religiosa secreta, na qual Dona Aylda é convidada a ingressar ; Dona Aylda é escolhida a primeira diretora brasileira da Escola de Serviço Social; aulas obrigatórias de religião com o padre Franca; caráter abertamente católico da Escola de Serviço Social; comentários sobre o Dr. Alceu Amoroso Lima; informações sobre Mademoiselle Urselle

Fita 1-B: Informações sobre as diretoras estrangeiras da Escola de Serviço Social; Dona Aylda assume a direção da Escola (1946); relações de Dona Aylda com o Ministério da Educação durante a elaboração da legislação relativa à Escola; reconhecimento da Escola no mesmo ano em que Dona Aylda deixa a direção (1950); informações sobre as primeiras turmas da Escola de Serviço Social: processo de seleção das alunas, tamanho das turmas, perfil das alunas e interação entre elas; carga horária, divisão e duração do curso de Serviço Social; alunas de outros estados vêm fazer estágio oferecido pela LBA no Instituto Social; comentários sobre a Escola de Serviço Social de São Paulo; inauguração de uma Escola de Serviço Social em Recife: Lourdes Moraes e Dolores Coelho vêm fazer curso no Rio e são alunas de Dona Aylda; comentários sobre as colegas de turma da Escola de Serviço Social; atividades como monitora da Escola; influência americana sobre o serviço social do Brasil supera a francesa; diferenças entre as linhas francesa e americana; profissionalização e maior remuneração do serviço social apontadas como conquistas da linha americana; alunas tinham de pagar para estudar Escola de Serviço Social; Instituto Social ligado a associação mantenedora jesuítica; trabalho voluntário dos professores da Escola de Serviço Social; biblioteca do Instituto Social sob orientação dos jesuítas: poucos livros técnicos de serviço social; informações sobre processo de seleção para ingresso de alunas na Escola; formatura das alunas da Escola: recebimento de diplomas cuja validade era apenas tácita, cerimônia de formatura; almoços solenes organizados pelo Instituto Social dos quais participavam

autoridades políticas e religiosas; Instituto Social solicita que a LBA dê bolsas às alunas de outros estados para cursarem a Escola; cursos de Dona Aylda na LBA.

Fita 2-A: Dona Aylda dá cursos às voluntárias da LBA; relações mantidas entre a LBA e o Instituto Social; cursos ministrados por Dona Aylda no Instituto Social: Serviço Social e Ética; insatisfação das assistentes sociais em relação a atuação das francesas no Instituto; Dona Aylda, quando diretora do Instituto, promove inovações e procura reaproximar as assistentes sociais da instituição; relação do Instituto com a Escola de Serviço Social de São Paulo; elogios a Yolanda Maciel, primeira diretora da Escola de Serviço Social de Niterói; comentários sobre o assistente social Luís Carlos Mancini; ida de assistentes sociais brasileiros aos Estados Unidos para estudar e trabalhar; Mademoiselle Marsaud impede que os convites para estudar no estrangeiro cheguem a Dona Aylda; Dona Aylda participa de projeto da União Pan Americana na Venezuela; Dona Aylda deixa a direção da Escola para participar do Primeira Missão Rural de Educação de Adultos, em Itaperuna; Ministério da Agricultura forma equipe interdisciplinar para compor a Missão Rural e convida Dona Aylda por sua experiência em trabalhos comunitários; membros da equipe interdisciplinar passam dois meses se conhecendo e articulando o trabalho conjunto; razões para a escolha do município de Itaperuna; equipe seleciona os distritos de Boa Ventura e Santo Antônio do Milagres (em Itaperuna) para trabalhar; início do trabalho com as comunidades: instalação da equipe, visitas, acordos com as lideranças locais, convocação de voluntários

Fita 2-B: Relatos sobre o trabalho da Missão Rural: interação da equipe, condições, estratégias e resultados do trabalho; instalação de centro social e grupo escolar a partir da demanda, e com a participação das próprias comunidades; Missão Rural defende princípios de cidadania que esbarram nos interesses das lideranças locais; trabalho de educação e conscientização das comunidades; comentários sobre a importância do trabalho comunitário; afirmação de que a Missão Rural se desenvolveu melhor na comunidade protestante, sofrendo grande resistência de padre católico; políticos deixam de apresentar resistência e passam a demonstrar respeito pela Missão; Missão atinge agricultores de outros distritos, extrapolando sua área inicial de atuação; Dona Aylda deixa a Missão e é substituída por Maria de Lourdes Palmer; interferência do Ministério da Educação na Missão; envolvimento de médicos da região com o trabalho da Missão Rural; equipe que compõe a Missão não aceita presentes ou agrados (cooptação); respeito e confiança da comunidade nos membros da equipe; informações sobre as reuniões promovidas pela equipe: grande interesse e aprendizado comunitário, envolvimento dos agricultores e suas famílias (mulheres e crianças), organização e assuntos tratados; utilização de recursos visuais para educação da comunidade; Dona Aylda volta para o Rio Grande do Sul e deixa de atuar profissionalmente; informações sobre o marido

Fita 3-A: Trabalhos voluntários no Nordeste; trabalho voluntário na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); trabalhos comunitários realizados por Dona Aylda; considerações sobre o serviço social de hoje; afirmação de que nunca se decepcionou, enquanto atuava, com o serviço social; marido de Dona Aylda funda a Escola de Serviço Social de Porto Alegre; Dona Aylda só realiza trabalhos voluntários após o casamento, deixando de atuar profissionalmente.

1ª Entrevista: 30.04.2002

Dona Aylida, vamos começar nossa entrevista perguntando seu nome completo, ano e local de nascimento e o nome dos seus pais.

Eu nasci em 1912, vinte e cinco de setembro de 1912, em Porto Alegre. Meu pai, João Dionísio da Silva Pereira, era militar, oficial do Exército. Lecionava no Colégio Militar de Porto Alegre quando eu nasci. Ele era de Cuiabá e minha mãe, Carmem Faria da Silva Pereira, de Curitiba. Meu avô foi o fundador do Colégio Militar de Porto Alegre, primeiro comandante. E como minha mãe era filha única, morava com ele. Meu pai era militar e meu avô o levou para lecionar no Colégio Militar. Meu pai foi professor de matemática, lecionou lá durante vinte e cinco anos.

E quando a senhora veio para o Rio de Janeiro?

Definitivamente, eu vim há doze anos. Eu morei em Porto Alegre até 1950. A partir de 1950, minha vida se dividiu entre Porto Alegre e Rio porque a minha família não era de lá. Você viu, eu nasci lá por causa desse acidente de meu pai ser militar, não é? Mas a minha família era de outra origem, eu não tinha raízes lá. Então, depois minha família se transferiu para cá, onde já haviam nascido minhas irmãs. E aí eu ficava uma parte do ano em Porto Alegre e outra aqui no Rio. Agora, definitivamente, eu estou aqui há doze anos. Residindo mesmo aqui.

Então a senhora fez seus estudos em Porto Alegre.

Em Porto Alegre até o Curso Normal. Depois, com a mudança para o Rio, eu ingressei no Serviço Social. Fiz meu curso aqui no Rio. Quando minha família se mudou para cá, por coincidência foi o ano da fundação do Instituto Social, a primeira Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro – o Instituto de Educação Familiar e Social. Porque tinha duas Escolas: a Escola de Educação Familiar e a de Serviço Social. Aí eu ingressei aqui, porque o meu Curso Normal não tinha validade no Rio. Eu teria que refazer no Instituto de Educação daqui e isso não me interessava. Então, eu fui consultar o padre Leonel Franca, que naquele tempo era membro do Conselho Nacional de Educação, sobre o que ele me aconselhava fazer. E aí, por intermédio dele, eu soube da existência da Escola de Serviço Social, que tinha sido fundada naquele ano aqui no Rio pelo doutor Alceu Amoroso Lima e dona Estela de Faro, dois líderes católicos de muita influência. Eles tinham conhecido essa escola na França, em Paris, e acharam que aqui deveria haver uma semelhante. Então eles trouxeram as três francesas que organizaram a Escola de Serviço Social e a Escola de Educação Familiar, reunidas numa entidade só que era o Instituto de Educação Familiar e Social.

E funcionava onde, a Escola?

A Escola teve tantas sedes. Qual foi a primeira? Eu acho que foi na Rua Dona Mariana. Rua Dona Mariana.

E a senhora, quando entrou na Escola, descobriu sua vocação?

Não.

Como foi?

Aí o padre Leonel Franca me aconselhou. Ele disse: “Eu, se fosse a senhora, antes de tomar uma decisão, iria conhecer essa Escola. Ela é nova, destina-se a formar profissionais na área familiar e do serviço social. Vá conversar com as diretoras. Se agradar, então a senhora faz a sua opção.” Eu fui, tive uma entrevista com mademoiselle Marsaud, que era a diretora técnica da Escola. Aí me apaixonei pelo programa da Escola, que era muito variado e incluía muitas matérias interessantes na parte médica e na parte social. Tinha sociologia, direito, filosofia, e eu fiquei apaixonada pelo programa da Escola e, por consequência, pela finalidade que ela tinha: a formação de profissionais para a educação familiar e para o serviço social. Eu optei logo de entrada pelo serviço social. Então, ingressei no curso e ele realmente correspondeu inteiramente ao que eu imaginava. Em nenhum momento, não só no tempo de estudante como depois na vida profissional, eu me arrependi. Quer dizer, ao contrário, meu interesse aumentou sempre e eu me dediquei ao Serviço Social depois como profissional de uma maneira integral, eu era Caxias. Quer dizer, me dediquei de corpo e alma. Tanto assim que, durante todo o meu curso, fui aproveitada pelas diretoras como monitora, depois como supervisora e finalmente fui a primeira diretora brasileira da Escola de Serviço Social.

Da Escola de Serviço Social do Instituto?

É, porque até então não havia legislação, não havia nada sobre Serviço Social. E quando as francesas foram trazidas, foi aceito pelo ministério, mas os responsáveis pelo Instituto todo eram doutor Alceu e dona Estela de Faro. E elas ficaram com a parte técnica. Tinham toda a responsabilidade e faziam as relações públicas, faziam o contato com o governo, com o ministério, tudo elas que faziam. Mas chegou um determinado momento em que o ministério exigiu, porque já estavam estudando, fazendo a legislação... Aliás, o Ministério da Educação encarregou o Instituto de fazer a legislação do Serviço Social, a organização da Escola, programa, tudo isso, e depois, sobre a própria profissão: as funções do assistente social – tudo aquilo que o Ministério exigia para reconhecimento da Escola. Foram as próprias francesas que fizeram isso. E eu participei muito porque, como nesse momento já era monitora, supervisora e elas tinham muita confiança em mim, eu as acompanhava ao ministério. E como elas não sabiam português, eu servia de intérprete, redigia, o ministério aceitava ou não... enfim, toda a legislação foi preparada por elas, pelas francesas, e eu participei disso.

Era com o ministro Capanema?

Capanema. Aliás, o ministro Capanema foi o presidente da minha banca examinadora.

É mesmo?! Gustavo Capanema?

É. Porque nós, quando nos formávamos, tínhamos que apresentar um trabalho que se chamava tese. Não era um trabalho de conclusão de curso, mas um trabalho sério, baseado numa experiência já feita por nós. Cada um escolhia o seu campo de experiência e apresentava um trabalho com no mínimo 50 páginas. E esse trabalho era aceito ou recusado por uma banca examinadora.

O da senhora foi sobre qual tema?

O meu foi sobre a formação do assistente social. Porque eu, como trabalhava como monitora e como supervisora, me dediquei logo à parte pedagógica. Então, fiz o meu trabalho sobre a formação do assistente social, porque eu não só fiz o curso, mas acompanhei as outras formandas.

E o próprio processo de elaboração de normas regimentais sobre as Escolas e a profissão.

É, tudo isso. Exatamente.

Quem foi da sua banca?

Foram cinco examinadores. Eu agora não lembro de todos.

De quais a senhora lembra?

Helena Iraci Junqueira, que era diretora da Escola de São Paulo, da primeira Escola de São Paulo.

Da PUC de São Paulo?

É, é. Helena Iraci Junqueira. Ela que me examinou sobre a parte técnica. Eu não me lembro de todos. Doutor Amilton Nogueira. Vocês já não conhecem, não é? Doutor Amilton Nogueira era médico, professor de higiene.

Não faz mal não. Os que a senhora lembrar. Doutor Alceu estava na banca?

Não, doutor Alceu não estava na banca. O presidente da minha banca foi o doutor Gustavo Capanema. Oi, perdão. Outro, doutor José... – como é que era...? – professor de Direito, foi o juiz de menores, a Helena Iraci Junqueira...

Foi uma senhora banca.

É, mas tinha mais um que eu não me lembro.

Mas tudo bem. Então dali a senhora foi dirigir a Escola? Aprovada na banca, a senhora foi logo em seguida ser diretora da Escola?

Não. Logo em seguida eu fui mandada pela minha Escola para organizar o curso de Serviço Social na Escola Ana Néri.

Aqui no Rio?

É. Na Escola Ana Néri, que tinha como diretora dona Laís Neto dos Reis. E como a função do assistente social tinha muito a ver com a área da saúde, a Escola Ana Néri se interessou e deu o curso para dar uma formação melhor para as enfermeiras. Então foi

fundado o curso, não escola, de Serviço Social na Escola Ana Néri e eu fiquei como responsável.

Isso foi mais ou menos quando? A senhora estava formada.

Eu acho que foi em 1941, se não me engano.

Em que ano a senhora se formou?

Em 1941.

Nós ficamos extremamente interessadas no que a senhora falou sobre essa Escola de Serviço Social do Instituto. Queríamos que a senhora falasse um pouquinho mais das francesas que vieram. O que elas faziam na Escola? Como era a Escola? Como elas davam aula? Davam em francês? O que elas ensinavam?

Elas vieram para organizar a Escola. Havia essa Escola em Paris, o Instituto de Educação Familiar e Social. E veio uma senhora, mademoiselle du Rostu, representando a entidade que chefiava a Escola de Paris. Ela veio com toda a responsabilidade e trouxe consigo mademoiselle Marsaud para ficar encarregada da parte técnica, mademoiselle du Urzelle para a parte familiar e mademoiselle... deixa eu ver quem era... a italiana, uma italiana que era responsável pela área da saúde na Escola. Porque no início, nosso curso incluía matérias ligadas à área social e à área da saúde. Nós tínhamos anatomia, fisiologia, higiene, higiene mental, tudo isso era incluído. E era uma parte muito desenvolvida na Escola, tanto que o nosso professor de anatomia era o doutor Piquet Carneiro. Ele nos dizia: “Vocês estão no nível dos alunos da medicina do terceiro ano.” O nosso curso, a nossa anatomia, fisiologia, tudo isso. “Vocês estão no nível dos alunos do terceiro ano.” A área de saúde era muito desenvolvida porque uma das áreas de atuação do Serviço Social eram os hospitais, que não havia naquele tempo a parte social, era só a parte de saúde. Por isso é que nós tínhamos essa parte, porque íamos desenvolver o campo do Serviço Social Hospitalar.

A parte de Direito também era desenvolvida?

Era bem desenvolvida, bem desenvolvida. Nós estudávamos direito, quer dizer, conhecimentos gerais. Porque no Serviço Social, naquele tempo era um pouco diferente de hoje. Naquele tempo a função do assistente social era fazer justamente a ligação entre as diferentes áreas, vamos dizer assim, a área médica, a área do direito. Porque na família, onde o Serviço Social se desenvolvia muito, os problemas dizem muito com o direito, dizem muito com a sociologia, tudo isso, não é? Então, a nossa formação, ao mesmo tempo que era específica em relação à parte técnica do Serviço Social, incluía conhecimentos gerais bastante desenvolvidos porque nós nos destinávamos a trabalhar nas diferentes áreas da convivência humana. O assistente social trabalhava, por exemplo, nas fábricas, nos hospitais, nas instituições de menores... Nós aprendíamos direito do menor... Então, a formação do assistente social era bastante ampla, bastante diversificada. Porque nós deveríamos trabalhar juntamente com o médico, juntamente com juiz de menores, com o diretor de fábrica, porque os problemas do operário, das famílias operárias eram muitos, tinham muito relevo. Então nós tínhamos que ter um conhecimento bastante diversificado.

Voltando às francesas, a senhora falou os nomes.

Ah, vocês querem saber das francesas!

Nós queríamos saber como elas atuaram dentro da Escola.

Bom, mademoiselle du Rostu, a chefe das francesas, era uma pessoa que quase não aparecia. O trabalho dela era interno. Era a pessoa que dirigia as auxiliares. Agora, a que trabalhava mais intensamente era mademoiselle Marsaud. Essa era a que tinha entrada nos ministérios. Quando ia abrir um campo de trabalho, era ela que ia falar com o diretor da fábrica. Antes de nós entrarmos, ela entrava nos diferentes campos para interpretar o que nós iríamos fazer ali. Porque senão ninguém aceitava, não é? Aceitar profissional novo, numa profissão nova, havia muito desconhecimento. Então ela era a primeira pessoa a fazer o contato para interpretar o que nós iríamos fazer em uma instituição.

Ela então falava português?

Não. Ela aprendeu bastante. Mas no começo... em geral, o francês era muito divulgado antigamente.

Certo, não era necessário falar português.

Não era necessário. Mas quando era necessário, eu por exemplo estava sempre junto com ela. Eu interpretava, traduzia.

A senhora falava francês bem.

Eu tinha aprendido. Mas mademoiselle Marsaud logo aprendeu o suficiente do português para se fazer entender, complementando o francês que ela falava. E quando era necessário falar qualquer coisa em português, o essencial ela sabia.

E ela dava aulas, não? Ela dava aula para vocês também?

Dava, dava em francês.

Quer dizer, as alunas tinham que saber...

Toda a parte técnica ela dava. E dava em francês no começo. Mas ela aprendeu o português rapidamente.

Aí ela passou a falar em português nas aulas?

É, nas aulas.

Era uma condição saber francês para entrar para a Escola de Serviço Social, para esse Instituto na época?

Não, não era condição. Mas em geral as primeiras alunas vinham do Sion, do Notre Dame, vinham desses colégios tradicionais de antigamente e todas sabiam francês. Todas sabiam.

A senhora também havia aprendido francês?

Não, eu aprendi francês particular, em casa. Nunca fui de colégio religioso. Nem religioso nem particular.

O Curso Normal que a senhora fez era público?

Era. Era a Escola Normal. Não era Instituto de Educação, era Escola Normal.

Certo. Vamos continuar com nas francesas.

Bem, Mademoiselle Marsaud então se tornou uma pessoa conhecidíssima no Rio, ela visitou todas as instituições porque era ela quem nos introduzia. Quando nós íamos trabalhar numa instituição, essa instituição já havia sido visitada por ela, já o serviço social interpretado para os dirigentes da instituição e o plano de trabalho nosso já tinha sido feito juntamente com ela. Era uma pessoa inteligentíssima, tinha uma autoridade moral muito grande porque ela era realmente uma capacidade, todos reconheciam a capacidade de mademoiselle Marsaud. Naquela década ou naquelas duas décadas, ela foi a pessoa mais conhecida aqui no Rio de Janeiro.

Então ela ficou bastante tempo aqui no Brasil?

Ficou. Ela morreu aqui no Brasil.

Ah, então ela não voltou. Ela era de ordem religiosa?

Era.

Ela andava vestida como?

Não, aí era uma coisa particular. Ela era de uma ordem religiosa, mas andava como leiga. Era uma ordem religiosa fundada no tempo da guerra. Então elas eram uma ordem, vamos dizer assim, que só na França era conhecida. Quando elas vieram para cá nunca se mencionou que elas eram de ordem religiosa. Mas nós, alunas, pela convivência, por tudo isso, acabamos descobrindo, o que nunca nos foi revelado. Porque a ordem tinha sido fundada na França no tempo da perseguição religiosa e teve vida oculta. Então, por isso as pessoas não tinham elemento que pudesse identificar.

As outras também eram da mesma ordem então?

Todas.

A mademoiselle du Rostu também?

Era. E aí era interessante. Eu não pertencia, não é? Então, em relação a minha pessoa, mademoiselle Marsaud tinha muita confiança em mim. E quando foi solicitada a escolher uma diretora brasileira, ela disse: “Para passar a direção da Escola para uma

brasileira, só para a Aylida.” Pois elas tinham muita confiança em mim. E tanto que eu fui particularmente solicitada, vamos dizer assim, por ela para ingressar nessa ordem.

Como era o nome, dona Aylida?

Ah, não sei. Nós nunca soubemos.

Nem quando a senhora foi convidada?

O nome oficial, nunca soubemos¹.

Tinha um outro nome que vocês chamavam?

Não, nunca apareceu.

Quando a senhora foi chamada para participar dessa ordem, o que ela tinha de diferente? Ela explicou mais coisas para a senhora?

Não, ela não explicou nada. Elas eram bastante reservadas e de muita autoridade. Ela me revelou que era de uma ordem a que preferentemente eu deveria entrar para ser aceita. Aí eu disse a ela que eu apreciava muito a vida delas, admirava muito mesmo, mas eu não sentia inclinação nenhuma para um compromisso religioso, nesse sentido. E eu não ambicionava a direção da Escola, relutei muito. Eu só aceitei porque o cardeal, se não me forçou, quase me impôs, que para o bem da Escola eu devia aceitar a direção. Porque elas diziam que só entregariam a direção a mim.

A senhora era religiosa, não era? Tinha formação católica?

É, sempre fui, muito.

Ensinavam religião na Escola?

Tinha aula de religião no mesmo nível das outras matérias, não é? Mas elas não faziam pressão não.

E quem dava essa aula de religião? Quem era o professor de religião?

Padre Leonel Franca foi nosso professor.

Havia a possibilidade de ter alguma aluna que não fosse católica?

Ah, tinha! Não era obrigatório. Era preferencial realmente, porque a Escola era católica, confessional mesmo, se declarava católica. Mas não impediam, não é?

Havia alunas então que não eram católicas?

Havia. Eu não posso garantir, mas sei de uma que era muito liberal. E que foi aceita. Não sei se ela era realmente católica, acho que não. Mas foi aceita e era uma boa aluna.

¹ Segundo um documento da PUC-RS, era Congregação das Filhas do Coração de Maria.

E permaneceu?

Permaneceu, foi assistente...

Doutor Alceu dava aula para a senhora? Como era doutor Alceu como professor?

Ah, doutor Alceu foi uma pessoa extraordinária. Ele dava aula de sociologia e foi realmente uma figura excepcional na Escola. Muito da nossa formação de assistentes sociais devemos ao doutor Alceu. Ele era uma figura extraordinária e suas aulas eram maravilhosas, formidáveis. De maneira que ele exerceu muita influência na Escola. Como o padre Leonel Franca, de quem tivemos também muita influência. E depois também, quando o padre Leonel Franca deixou as aulas de religião. A formação toda foi jesuíta.

Dona Aylda, a senhora falou da mademoiselle du Rostu, falou da mademoiselle Marsaud... E havia também a mademoiselle du Urzelle ...

A du Urzelle era da parte familiar.

Ela dava aula?

Dava.

Como é que era a mademoiselle du Urzelle?

Era jovem, era uma francesa jovem e também fazia parte da organização, da congregação delas. Mas ela era especializada nos assuntos familiares, economia doméstica, tudo que dizia respeito ao lar era mademoiselle du Urzelle. E a italiana foi muito importante na abertura dos campos de Serviço Social nos hospitais, ela orientou muito bem as assistentes nessa parte hospitalar, de ambulatório, tudo isso. Ao todo eram quatro – Mademoiselle du Rostu, mademoiselle du Marsaud, mademoiselle du Urzelle e essa italiana.

[FINAL DA FITA 1-A]

Todo o tempo que a senhora estudou na Escola elas estiveram lá

Elas permaneceram.

Permaneceram mais tempo também no Brasil?

Permaneceram muito tempo!

Quando a senhora assumiu a direção, elas continuaram na Escola?

Continuaram, continuaram.

Inclusive mademoiselle Marsaud?

Também.

A senhora assumiu a direção mais ou menos quando, dona Aylda? A senhora se formou em 1941 e...

Espera aí. Eu estive na direção da Escola quatro anos. Saí em 1950, portanto eu entrei em 1946.

Então quando a senhora entrou na direção da Escola, ela era bem nova na verdade.

É, bem nova!

A senhora mencionou todo esse processo de idas aos ministérios da Educação e da Saúde para encaminhar a legislação relativa à Escola. Com quem a senhora tratava no ministério quando ia, com a mademoiselle Marsaud, para conversar? Eram assessores do ministro Capanema?

Eram, eram assessores, mas não sei qual era a função deles no ministério... Não posso precisar. Eu sei que tratava com eles só alguns assuntos. Tudo o mais, a parte técnica de legislação, eram auxiliares deles. E por curiosidade, quando eu deixei a Escola, a Escola foi reconhecida.

Ah! Em 1950? Exatamente.

E eu não pude aproveitar nada. Tive dezoito anos de vida profissional e não me aposentei nem nada, porque saí justamente quando houve o reconhecimento.

E a senhora saiu da direção da Escola por que, dona Aylda?

Eu saí da direção da Escola para fazer esse trabalho em Itaperuna. Eu deixei a direção justamente para atender um pedido do Ministério da Agricultura, que foi solicitar à nossa Escola, uma assistente social para ser membro da equipe interdisciplinar que ia iniciar essa experiência.

Nós queríamos agora conversar um pouquinho sobre suas colegas. A senhora falou inclusive que algumas vinham de escolas como o Notre Dame, como o Sion... Nós queríamos que a senhora falasse sobre o tamanho da turma, o tipo de colega...

Bem, havia muita seleção, viu? Um ponto capital era a seleção das alunas. Preferencialmente, eram moças de boa família, de classe média, de um bom nível. Todas tinham uma formação anterior, segundo o julgamento delas, adequada ao Serviço Social. De um modo geral, todas eram normalistas. Elas faziam muita questão de uma boa base, sabe? Faziam questão de um bom nível.

Eram poucas porque a seleção era muito rigorosa e depois o curso era muito rigoroso. Doze, quatorze, depois é que aumentou. À medida que a Escola foi se tornando conhecida, vamos dizer assim, o ingresso aumentou. Aí a propaganda era maior, então aumentou o número.

E vocês tinham aula o dia todo? Como era o horário das aulas?

Era o dia todo. O curso foi muito rigoroso, sempre, lá no Instituto Social.

Quanto tempo de curso?

Oficialmente eram três anos. Mas, logo a seguir, ele se estendeu para quatro anos.

A senhora chegou a fazer quatro ou fez três?

Cheguei a fazer quatro porque aconteceu isso: como esse trabalho final, esse trabalho de conclusão de curso, era um trabalho baseado já na experiência, depois dos três anos é que nós selecionávamos o campo de experiência. Eu não, porque eu entrei logo como monitora e o meu campo de experiência foi a própria formação na Escola, não é? Mas em geral, era no quarto ano que se apresentava o trabalho de conclusão.

Se nós estamos entendendo bem, o quarto ano era dedicado à prática.

Exatamente.

À prática e à elaboração do trabalho de finalização de curso.

É, é. Exatamente.

Então eram três anos de disciplinas e um de prática.

Não. Também havia disciplinas no quarto ano. Segundo as necessidades do ambiente, do meio, o curso ia tendo mais exigência. Então, certas matérias se prolongavam mais.

Dona Aylida, as colegas da senhora eram poucas. Havia assim a formação de um grupo? Essas moças ficavam amigas entre si? Havia um grupo informal de amizade além do fato de estudarem juntas?

Havia muita amizade, muita. Como éramos poucas, todas nós formávamos um grupo.

É isso que estamos querendo dizer.

Não havia exclusão, viu? Todas nós nos conhecíamos, vamos dizer assim, intimamente. Também no próprio campo da prática iam duas, três trabalhar juntas. Então, todas nós nos tornamos muito amigas, sempre. A nossa profissão começou com uma unidade muito grande.

Na formação?

Na formação e na vivência profissional.

A senhora foi da turma de dona Lourdes Morais, que foi dirigir a Escola lá em Recife?

A Lourdes foi minha aluna. Aconteceu isso também: foram sendo abertas outras Escolas e o último ano das Escolas dos estados era feito aqui no Rio de Janeiro. A LBA

proporcionou bolsas de estudo para as primeiras turmas dos estados. E como nesse tempo eu já era professora, todas que vieram dos estados foram minhas alunas.

E aí veio gente de vários lugares do Brasil?

De Recife, Espírito Santo... só de São Paulo que não, porque São Paulo teve outra formação. A Escola de São Paulo foi anterior a nossa e teve uma vida autônoma muito forte desde o início. A nossa linha aqui era francesa. A de São Paulo era belga, porque foram belgas as que vieram para São Paulo, para abrir uma Escola de Serviço Social em São Paulo. Lá teve uma influência muito grande também do Serviço Social, muito grande. Mas o Instituto teve uma amplitude maior no sentido de abranger não só as Escolas que já estavam formadas, mas também aquelas que pretendiam se formar, que pretendiam abrir. Foi o caso justamente de Recife.

A pessoa que vinha para assumir uma Escola, não é?

Foi. Vieram duas de Recife. A Lourdes Moraes e a Dolores Coelho. E essas então que vieram para o último ano daqui foram todas minhas alunas.

Dona Aylida, na turma da senhora mesmo, que foi uma turma inaugural, as alunas eram aqui do Rio então?

Essas todas eram do Rio.

A senhora manteve contato mais próximo, mais tempo com alguma ou algumas delas?

Com todas.

Quem era dessa turma, por exemplo, para nós ficarmos conhecendo?

Pena que vocês não podem mais entrevistar porque ela já faleceu. Foi muito importante no Serviço Social: Josefina Albano. Ela foi muito importante. E tem outras: Maria Augusta Albano também.

Eram irmãs, não?

Não. Primas. Dora Machado foi muito importante também. Mas Dora Machado já não se formou aqui. Ela era de Minas Gerais, era mineira. Josefina Albano, Maria Luíza... Helena Farah. Helena Farah ainda está circulando aqui, não é? Ela foi diretora da Escola.

Era amiga da senhora?

Muito tempo depois.

Continua amiga da senhora, Helena Farah?

Continua. Teve Maria Luíza, que também foi muito importante.

E são pessoas que deram continuidade à carreira, essas que estudaram com a senhora.

Ah, todas tiveram papel importante no início do Serviço Social. Todas elas abriram campos de trabalho, todas elas tiveram projeção!

Dona Aylida, a senhora, ainda como aluna, foi escolhida monitora. O que fazia um monitor na Escola?

Eu assistia a todas as aulas, acompanhava as aulas. O monitor acompanhava o aproveitamento dos alunos. As dúvidas, por exemplo, vinham a mim, não é? Eu transmitia, porque às vezes elas não tinham bastante intimidade com o professor. Eu dizia: “Olha, em tal matéria elas precisam de mais alguma coisa, há dúvidas sobre isso...” A monitora era a pessoa que acompanhava as aulas e o aproveitamento dos alunos. E a supervisora era a que fazia a mesma coisa em relação à prática, ao trabalho de campo.

Em termos de livros, o que se lia?

Em termos de livros havia muito pouca coisa. O Serviço Social era uma profissão nova.

Exatamente, por isso estamos perguntando. O que se usava?

Usava-se primeiro a literatura francesa, depois a americana. A literatura americana foi introduzida mais tarde e superou a influência francesa.

Enquanto a senhora era aluna, já entrou a literatura norte-americana?

Não. Foi mais tarde, porque também algumas alunas nossas foram para os Estados Unidos e foram influenciadas pela linha americana, que era bem diferente da francesa.

Qual era a diferença entre a linha francesa e a americana?

A linha francesa era muito mais humanista e a linha americana, muito mais técnica. Muito mais técnica. Tanto que as alunas que foram depois fazer curso nos Estados Unidos vieram e exerceram muita influência. Introduziram a literatura americana e exerceram muita influência. Quer dizer, mudaram um pouco a feição do próprio Serviço Social.

Por quê? Por que fizeram ficar mais técnico?

É. Mudaram nesse sentido, não só do ponto de vista das técnicas propriamente, mas também do ponto de vista profissional. Já vieram com reivindicações, com exigências profissionais, com preocupação de salário. No nosso tempo, no início, por exemplo, nós começávamos a trabalhar sem ganhar nada. Trabalhávamos tempo integral e não ganhávamos nada. Mais tarde os estágios passaram a ser remunerados. Já foi uma conquista, vamos dizer, da linha mais americana.

No sentido da profissionalização do Serviço Social. Agora, nos diga uma coisa, a senhora pagava a Escola quando era aluna? A senhora estudava de graça ou e a Escola era paga?

A Escola era paga por todas. Eu tive uma bolsa e complementava, quer dizer, me deram um desconto. Mas todos pagavam. Agora, depois elas deram muita bolsa, muita bolsa. Muita gente estudou sem pagar.

Quem pagava? Foram seus pais?

Foram. Todas, eram os pais que pagavam.

Antes de trabalhar na Escola, a senhora trabalhou como professora, não?

Não, não. Nunca trabalhei.

Mesmo tendo feito a Escola Normal, a senhora não tinha trabalhado como professora?

Não, não cheguei a trabalhar como professora.

O Instituto de Educação Familiar e Social, que abrigava a Escola, era vinculado a alguma outra instituição? Ele tinha relação com a Igreja Católica?

Tinha.

Mas ele tinha alguma relação, por exemplo, com o Centro Dom Vital?

Não, só relação amistosa. Nós freqüentávamos o Centro Dom Vital por causa das conferências, não é? Mas era completamente independente.

Mas como ele se mantinha?

Ele tinha uma associação mantenedora que era ligada aos jesuítas.

Ah, sim. Então era a ordem jesuíta que respondia financeiramente pela Escola.

Ah, não! Financeiramente não sei. Isso eu não sei.

Bem, era uma instituição mantenedora e devia dar um suporte, não, dona Aylida?

Talvez desse, não é? Essa parte, por exemplo, talvez doutor Alceu tivesse conseguido patrocinador. Nós nunca ficamos sabendo.

Mas a senhora, quando foi diretora, recebia todo o mês um salário ou era um trabalho voluntário?

Não, eu recebia um pró-labore. Porque não havia nem carteira, não havia nada.

Agora esse pró-labore, digamos assim, considerando... Era pouco?

Era mínimo. Porque o Instituto sempre, vamos dizer assim, parecia pobre. Não era uma instituição rica, poderosa, que tivesse influências ostensivas. Não sei essa associação mantenedora que era ligada aos jesuítas, ela talvez tivesse recursos, não é? Porque nessa parte nós não nos envolvíamos. Eu acredito que muitos professores nem recebessem nada.

Como professora, a senhora não recebia nada?

Não. Nunca recebi nada.

A senhora dava aula e não recebia nada?

É. Nós dávamos trabalho voluntário.

Como eram as instalações do Instituto?

Era uma casa particular, um palacete desses antigos.

Na Rua Dona Mariana.

É, ele teve várias sedes, mas sempre uma casa particular adaptada. A única coisa é que, por exemplo, tinham as salas de aula e o resto era uma casa de família.

Havia alguma coisa que se aproximasse a uma biblioteca?

Havia biblioteca.

É isso que nós queremos saber. Nós estávamos falando sobre a literatura que era usada, os livros. Então havia um certo número de livros no Instituto?

Muito mais de formação do que técnicos. Porque eu lhe disse, havia muito poucos livros técnicos. Mas havia uma grande biblioteca orientada pelos jesuítas.

Que livros tinha nessa biblioteca, em termos de assuntos? Livros de sociologia?

Muitos! Muitos livros de sociologia, de filosofia, muita história de santos. Literatura...

Literatura francesa?

É. Literatura francesa, literatura brasileira...

Essa biblioteca era usada nos cursos? Os professores pediam...

Não, muito poucos.

Essa biblioteca era mais para as pessoas, vamos dizer, pegarem os livros e lerem em casa?

É, lerem em casa. Os professores não recomendavam porque tudo do curso foi adaptado. As matérias eram adaptadas às exigências do curso. Então, por exemplo, o professor de direito selecionava aquilo que nós iríamos precisar para tratar dos problemas familiares e dos problemas de trabalho, etc, etc. O juiz de menores dava tudo aquilo que era necessário para o nosso contato com as famílias, tratar dos problemas das crianças. E o professor, segundo a sua especialidade, selecionava uma matéria segundo as necessidades do curso.

Havia apostilas? O pessoal selecionava aquelas folhas, tinha esse tipo de documento?

Nós tomávamos muita nota.

Ainda sobre a Escola, a senhora mencionou logo no início que a seleção era muito severa. Como é que foi o seu processo de seleção?

De entrevista.

Uma entrevista.

Uma não, várias. Nas entrevistas, cuidavam muito da família, a procedência da aluna. Se era uma família bem organizada, bem estruturada, de princípios ou quais os valores. Não faziam rodeio, perguntavam mesmo, argüíam mesmo. E só aceitavam quem tinha um *background* favorável.

Só tinham mulheres na Escola, não é?

No começo, só mulheres.

Havia algum tipo de questão na entrevista que medisse conhecimento?

Ah, havia! Queriam saber a base cultural da aluna. Elas achavam, por exemplo, que o Curso Normal dava uma base muito boa para a profissão. Quase todas eram formadas.

Nessa ocasião, o curso era de nível médio?

Médio.

Ganhava-se um diploma ao final?

Ganhava-se. E era reconhecido, o ministério dava o diploma.

E o ministério reconhecia o curso como de ensino médio.

Mas só mais tarde, não é? Antes de ter a legislação, não havia validade.

Mas a senhora teve esse diploma?

Tive. Eu recebi o diploma, mas não tinha validade no sentido do processo de reconhecimento imediato.

Mas havia um processo de reconhecimento tácito, não é?

Ah, havia!

Bom, havia festa quando a turma se formava, havia uma cerimônia?

Havia, havia. O Instituto era muito conceituado. E não havia só cerimônia de formatura não. Todos os anos as diretoras programavam um almoço solene para o qual convidavam todos os professores e as autoridades.

Quem eram as autoridades convidadas?

Olha, juiz de menores, o ministro da Educação, o ministro do Trabalho... Esses eram obrigatórios.

Eles iam a esse almoço?

Iam! Iam e faziam questão. O ministro da Saúde... Todos aqueles das áreas onde havia alunas como estagiárias e como profissionais, todos eles compareciam e faziam questão. Era um almoço solene, finíssimo, servido à francesa, com todo o requinte.

E onde era?

No próprio Instituto.

E lá tinha uma infra-estrutura para isso?

Tinha. Sempre tinha. Essas casas antigas, esses palacetes sempre têm um salão grande, não é? Então se fazia no salão mesmo. Às vezes era o quê? Mais de vinte, vinte e cinco, não sei quantos. E todos os ministros iam e faziam questão de ir. Porque isso eu lhe disse: o Instituto era muito bem conceituado.

A senhora falou das autoridades políticas, os ministros. E as autoridades religiosas?

Ah, iam sempre. Por exemplo, ia o professor de religião, o Padre Leonel, que era uma grande autoridade. Ia um representante do cardeal Câmara. Ele não comparecia não, mas ia sempre lá.

Esse almoço era todo o ano. Na formatura tinha esse almoço e tinha mais alguma coisa?

Esse almoço era preparado pelas alunas da Escola Familiar. Era o exame final delas. E nós, como assistentes sociais, participávamos.

Então o almoço também era das alunas da Escola de Educação Familiar?

Era. Era preparado por elas.

Sim, mas era também, vamos dizer assim, um almoço do Instituto como um todo, não é?

Era, como um todo. Eram convidados todos os professores dos dois cursos.

Dos dois cursos.

Mas era o exame final das alunas da Escola Familiar.

Entendemos. E na formatura acontecia o quê? Esse almoço tinha todo o ano. E na formatura?

Assim uma formatura? Não, não tivemos isso. Passava-se no exame, recebia-se o diploma, mas não tinha uma festa de formatura.

E tinha uma cerimônia? Esse negócio de oradora de turma...

Não, nunca teve.

Agora, nesse almoço então, que era o grande momento, as autoridades ou quem dirigia a Escola falavam alguma coisa?

Não tinha discurso. O procedimento era muito cordial, era um procedimento de amigos. Não era solenidade. Não havia uma solenidade. Eram feitos os convites, eles compareciam, davam notas para os pratos... É, eles davam notas [riso].

Os alunos participavam do almoço?

Só alguns representantes, pouquinhos. Um ou dois, só.

A senhora participou de algum desses almoços?

Participei. Mas de uma maneira apagada, quase que representando as alunas.

Agora, de seu almoço de formatura a senhora lembra?

Nem me lembro.

Dona Aylida, a senhora mencionou também a LBA, disse que a LBA inclusive deu bolsa para várias pessoas virem fazer esse quarto ano na Escola. A Escola tinha relações de que tipo com a LBA?

Não, não tinha relação nenhuma. Eu acho que foi uma solicitação da Escola, que ofereceu à LBA o curso do Instituto Social para reforçar a formação das alunas que estavam mais distantes. Elas vieram para reforçar o curso delas. E foi oferecido à LBA e a LBA deu bolsas. Porque também houve alunas... eu mesma estagiei na LBA.

É isso que nós queríamos perguntar: vocês não faziam trabalhos práticos na LBA?

Ah, fazíamos!

A senhora estagiou na LBA?

Estagiei na LBA. Não só estagiei como, no tempo da guerra, fiz muito curso, eu dei muito curso voluntário.

[FINAL DA FITA 1-B]

Nós estávamos conversando sobre sua experiência na LBA. A senhora nos disse que durante a guerra deu cursos às voluntárias. Esses cursos eram de quê?

Formação de auxiliares de enfermagem. Primeiros socorros, sobretudo de primeiros socorros.

A LBA também dava uns cursos pelo rádio. Esse curso era através de esquema de rádio ou a senhora dava mesmo no local?

Não, eu dava com o grupo mesmo.

Com o grupo.

É, com o grupo. Dei em Juiz de Fora, dei em Friburgo, dei em vários lugares.

A senhora viajava dando esses cursos. E havia outro tipo de relação do Instituto com a LBA?

Olha, eu não me lembro.

O pessoal da LBA ia no Instituto? Por exemplo, nesses almoços?

Ah, iam várias instituições, não é? Em geral as instituições principais, aquelas que tinham maior número de estagiárias ou de assistentes, mademoiselle convidava. A LBA foi muitas vezes, porque era uma instituição importante.

Nós queríamos perguntar se a senhora lembra quando foi criada a LBA, o momento de criação, o papel de dona Darci Vargas, dona Alzira...

Ah, isso eu não me lembro. Eu até trabalhei muito no departamento da LBA, mas não tinha contato com as autoridades não.

A senhora trabalhou em qual departamento? Fazia que tipo de trabalho? Além dos cursos, a senhora trabalhou em quê?

A LBA teve alguns programas sociais em paróquias, no interior, várias atividades. No começo, a LBA teve muitas atividades sociais.

Dona Aylda, a senhora quando foi ser professora da Escola, dava aula de quê?

Eu dava de serviço social, da parte técnica.

E quando a senhora foi ser diretora da Escola...

Continuei como professora.

Dando aula de Serviço Social?

É. E de ética.

Nós queríamos que a senhora nos contasse como eram esses cursos. Quer dizer, no caso, a senhora tinha já algum tipo de literatura para usar nos seus cursos?

Olha, em geral a literatura própria para os cursos era aquela que nós organizamos, a partir das aulas da mademoiselle du Marsaud.

A senhora pode nos dar algum exemplo?

Ah, é tão difícil! Nós tínhamos o Serviço Social Médico, o Serviço Social do Trabalho, o Serviço Social da Família... Então, era o Serviço Social aplicado à atuação nessas áreas. Então é muito difícil porque era um conteúdo propriamente do trabalho do assistente social junto ao assistido.

E em ética, como a senhora trabalhava esse curso de Ética?

Olha, no curso de Ética, primeiro a gente abordava os valores éticos da vida em geral, não é? Depois a ética na família, a ética no trabalho, a ética do relacionamento pessoal, por exemplo, profissional com profissional. O profissional, como ele tinha que ser, que atuar na família em relação aos princípios. Era uma ética toda aplicada ao Serviço Social.

Sei. E a senhora gostava de dar aula desses dois cursos, de Serviço Social e de Ética?

Ah, eu gostava, gostava. E também na Ética eu aproveitei muito porque tive uma formação religiosa muito forte. Eu tive muito bons professores. Então eu aplicava muito também o que eu tinha recebido pessoalmente, na minha formação. Por exemplo, o relacionamento do assistente com o assistido, com o colega, com o profissional de outra área, com as autoridades, tudo tem uma ética, o comportamento, não é? Então o assistente social não pode prescindir disso no seu relacionamento humano, seja com quem for. Agora, a parte religiosa era muito forte, de maneira que isso influía, O assistente social tem que respeitar muito o assistido, o cliente, mas não pode prescindir dos valores, que são valores humanos. Ou ele age assim ou deixa a descoberto uma porção de coisas importantes para a vida, de relacionamento das pessoas.

Dona Aylida, em sua experiência como diretora da Escola de Serviço Social do Instituto, a senhora considera que houve algum trabalho mais importante?

Houve, houve. Houve uma coisa um pouco curiosa: houve um momento na Escola em que a maioria dos assistentes sociais já estava desgostoso da... Isso eu acho que nem devia dizer...

Ah, devia sim!

Já estava um pouco desgostoso da atuação das francesas. As assistentes estavam achando que elas já estavam um pouco superadas em vários pontos, sabe? E foram se afastando do Instituto. As que lecionavam lá foram aceitando ofertas de trabalho. E como lá a remuneração era mínima, era uma coisa quase que trabalho voluntário, elas já estavam um pouco desgostosas e foram aceitando oferecimentos de empregos fora. Umas foram para a Europa, foram para os Estados Unidos, outras aceitaram cargos nos ministérios, em várias repartições, e foram se afastando. E quando eu entrei, uma coisa que eu fiz questão foi de trazê-las de novo para o Instituto.

E como a senhora fez isso?

Comecei a pedir que viessem lecionar. E aí eu já era diretora, eu que tinha mais contato com elas. Nesse tempo, quando deixou a direção, mademoiselle du Marsaud foi fazer um trabalho na Universidade Rural. Então ela se ausentou um pouco do Instituto e foi trabalhar, fazer um trabalho de Educação Familiar na Universidade Rural. Foi junto com mademoiselle du Urzelle.

Aqui na Universidade Rural do Rio de Janeiro?

É, do Rio de Janeiro. Ela até morreu numa viagem dessa, daqui do Rio para a Universidade Rural. Então eu aproveitei essa fase em que mademoiselle estava um pouco ausente e comecei a chamar minhas colegas para reassumirem algumas cadeiras do Serviço Social.

E elas vieram?

Vieram. Então houve uma reaproximação.

A senhora ofereceu remuneração nesse momento?

Não, não foi por problema de remuneração, foi mais de influência, delas voltarem para ter mais influência na formação dos assistentes.

Participar mais. Ter mais liberdade.

É. Isso mesmo.

Mas a senhora discutia o currículo da Escola com elas?

É, houve várias inovações. Em relação por exemplo aos estágios, mais abertura, porque mademoiselle era muito rigorosa. Mais uma coisa, por exemplo: naquele tempo, ainda não havia nem sombra desse movimento ecumênico e elas, pela sua formação, além de francesas, católicas e de formação jesuíta, eram muito rigorosas em relação às outras denominações religiosas. Elas não deixavam, por exemplo, os assistentes sociais trabalharem em campos onde houvesse protestantes. Era praticamente proibido. E, no entanto, havia campos interessantes de trabalho, havia assistentes sociais muito boas com outra formação e não se podia fazer uma separação dessa maneira. Então, outros

campos foram abertos dando possibilidade de um contato mais próximo com outras orientações.

Dona Aylida, quem a senhora trouxe de volta para o Instituto nesse momento?

Ah, várias assistentes, não me lembro mais... Por exemplo, Josefina Albano tinha saído, voltou. Maria Luíza tinha saído, voltou. E as supervisoras de estágio, algumas tinham deixado de ser supervisoras, voltaram...

Na sua época da direção, Alceu ainda dava aula lá ou já tinha deixado?

Não, dava.

Continuava dando aula no Instituto?

Dava. Ele deu durante muitos anos.

De certa forma, dona Aylida, houve uma renovação.

É. Uma renovação, uma abertura.

Isso. Uma maior abertura, uma maior conversa...

É, de relacionamento com outras assistentes sociais, com as outras Escolas.

Havia uma competição com São Paulo? Como era a relação com a Escola de Serviço Social de São Paulo?

Não, não havia competição. As áreas de trabalho eram diferentes. Nós nos demos muito bem, sempre, com a Escola de São Paulo. Só que lá era a influência belga e aqui, a influência francesa. Mas sempre houve um relacionamento muito bom, muito bom.

E com Niterói, a Escola de Serviço Social de Niterói, a senhora tinha algum relacionamento?

Não, não participei. Eu me dava muito bem com as assistentes de lá. A primeira diretora, a Iolanda, era muito boa, muito amiga, nós nos dávamos muito bem. Com a Escola de São Paulo nós não tivemos oportunidade de trabalhar juntas, mas sempre nos relacionamos muito bem, muito. Tinha muita amizade. Por exemplo, Mancini, Luís Carlos Mancini. Esse rapaz foi um grande assistente social, teve uma influência grande e foi um profissional muito conceituado. Trabalhou muito nas altas esferas: ministério e tal. Era muito conceituado e muito amigo, era um irmão. Ele e a esposa, Guiomar, que era assistente social também, nós nos considerávamos irmãos. Muito bom.

E ele deu aula na Escola também?

Dava, fazia conferências. E teve uma vida pública muito importante. Teve funções importantes na vida pública e como assistente social ele se projetou também.

A partir de quando a Escola começa a ter homens como alunos?

Não lembro.

A senhora não lembra? Mas não foi na sua gestão?

Não.

Foi depois, não é?

É.

D. Aylida, a senhora mencionou também que houve uma espécie de ida em que alunas formadas na Escola saíram do Brasil e foram estudar fora, inclusive nos Estados Unidos.

Não só estudar, mas também trabalhar.

Estamos aqui pensando, tinha acabado a guerra e essas coisas ficaram facilitadas, sobretudo para os Estados Unidos.

É. Sobretudo com a imigração, com os imigrantes.

Houve colegas mais próximas da senhora que saíram?

Houve! Olha, o Mancini foi para os Estados Unidos, trabalhou muito tempo na União Pan-americana, a Maria da Glória Nin Ferreira que trabalhou por muito tempo na UNRRA.

O que é UNRRA?

Ah, não sei. A tradução não sei, mas foi com imigração.²

E isso era onde?

Eu acho que foi em Washington.

A senhora não saiu do Brasil, não é?

Não. Não saí porque mademoiselle Marsaud não deixou.

Como foi isso?

É, eu só fiquei sabendo depois! Só fiquei sabendo depois que tive mais de um convite. Mas como vinham através do Instituto Social, não chegaram até a mim porque mademoiselle barrou.

A senhora era o braço direito dela...

² UNRRA significa United Nations Rehabilitation and Relief Administration.

É. Ela não queria que eu sáísse. Eu fiquei sabendo depois.

É, às vezes a pessoa paga um preço ...

É, eu fui para o exterior em outras oportunidades. Trabalhei numa coisa até muito boa, muito importante: um projeto na Venezuela. Estive lá dois meses, em Caracas, no interior.

Foi mais ou menos quando isso? A senhora ainda era diretora da Escola?

Não, já não era mais. Foi lá por 58, por aí, que eu estive na Venezuela.

Foi lá num trabalho, uma conferência?

Não. A União Pan-americana promoveu um curso para formação de diretores de escolas normais rurais e convidou vários países para integrar essa iniciativa, fazendo uma equipe interdisciplinar de vários países. E eu era a única brasileira que tinha experiência rural, ninguém mais tinha a experiência rural aqui no Brasil, depois desse trabalho em que o Ministério da Agricultura patrocinou a Primeira Missão Rural de Educação de Adultos. Foi um trabalho rural interdisciplinar.

A senhora estava na direção da Escola e saiu para fazer esse trabalho?

É, porque o Ministério da Agricultura resolveu fazer uma experiência semelhante a experiências que estavam sendo feitas no México de trabalho de comunidade. E o rapaz do ministério encarregado de dirigir essa experiência, Irineu Cabral, foi ao Instituto pedir a indicação de assistente social para integrar a equipe dessa missão. Ele foi várias vezes ao Instituto. E eu tentei, indiquei várias assistentes. Mas era para sair do Rio, para ir para o interior da Venezuela fazer um trabalho...

Não, essa era a da Venezuela? Essa não foi a missão aqui no Estado do Rio?

Ah, é verdade! Eu já misturei. O Ministério da Agricultura quis fazer essa experiência de trabalho rural e foi ao Instituto pedir uma assistente social para uma equipe interdisciplinar. Acontece que não havia nenhuma assistente ainda com experiência rural. Aí ele disse assim: “Mas dona Aylda, a senhora me indique...” Eu indiquei várias assistentes, ninguém quis ir porque ganhava pouco.

E tinha que ir para o interior do estado.

Ganhava muito pouco e tinha que ir para o interior, tinha que deixar o trabalho aqui no Rio. Todas as mais habilitadas para esse trabalho estavam ocupadas, tinha uma no Ministério da Previdência³, outra no Ministério do Trabalho, outra no Ministério da Saúde, estavam todas ocupadas. E um belo dia ele voltou insistindo e disse: “Dona Aylda, por que a senhora não vai?” Eu disse: “Olha, doutor Irineu, eu estou aqui com a direção da Escola e tal.” Ele disse: “Ah, mas vá, faça uma experiência ...” E eu sempre, desde as aulas do doutor Alceu, de sociologia, senti muita atração pelo trabalho no meio rural, porque ele era um entusiasta, falava muito da reforma agrária, como era

³ Não havia Ministério da Previdência nesse momento. Este só foi criado no governo Ernesto Gaisel, em 1974.

preciso trabalhar o interior, etc, etc. “Por que é que a senhora não vai?” Eu disse: “Mas eu estou aqui com meu trabalho.” Ele então começou a insistir, a insistir e eu já estava um pouco cansada do trabalho da direção da Escola, que era muita responsabilidade. Hesitei muito em aceitar aquele trabalho. Consultei minha família, que também não gostou da idéia. Mas, em todo o caso, acabei aceitando. Aí deixei a direção da Escola e fui integrar a equipe de profissionais que ele já estava contratando para realizar essa missão.

A senhora não conhecia ninguém lá em Itaperuna?

Não. Não conhecia ninguém. Mas eu me entusiasmei porque era um trabalho de comunidade.

A senhora até escreveu um texto, não é?

É.

Tem um trechinho de um livro da senhora...

Mas esse não foi para esse trabalho...

*Mas a senhora fez depois, não é? “**Você e a comunidade**”*

Esse foi um trabalho do meu marido. Eu fiz para um trabalho dele.

A senhora recebia alguma remuneração?

Eu recebia uma remuneração como membro da equipe. Todos nós íamos ter uma remuneração igual, cada membro da equipe. O Ministério da Agricultura fazia um contrato para uma experiência de trabalho de comunidade rural. E eu já tinha uma certa experiência porque já tinha feito outros trabalhos de comunidade. Praticamente me especializei em comunidade.

Serviço Social de comunidade?

É. Eu tive mais atração por essa área de Serviço Social, que era nova. Bom, mas eu já tinha lido muitas experiências de trabalho rural nos Estados Unidos, lá no vale do Tennessee, que foi um trabalho muito bonito, no México houve experiências muito boas etc. Então eu resolvi aceitar

E como foi isso?

Bom, foi assim. Nós ficamos dois meses aqui no Rio, para nos conhecermos, as pessoas que ele convidou para integrar a equipe. Era um agrônomo, um veterinário, uma assistente social, uma educadora familiar e uma enfermeira. Nós tínhamos que fazer um trabalho integrado. Nenhum de nós ia trabalhar só na sua área. Nós íamos trabalhar num trabalho relacionado, trabalho global na comunidade. Todos nós teríamos que atuar com o enfoque da comunidade. Enquanto o ministério decidia a área que ia ser escolhida, nós aqui no Rio ficamos durante dois meses nos conhecendo para fazer essa articulação das profissões num trabalho conjunto. O médico trabalha como

médico, a enfermeira trabalha como enfermeira, o agrônomo trabalha como agrônomo, mas nós tínhamos que fazer um trabalho integrado porque íamos trabalhar todos simultaneamente, na mesma área. Então, ficamos dois meses aqui para fazer essa integração e esse trabalho coube a mim porque, como assistente, eu já tinha experiência de trabalho com outros profissionais. Como assistente social, eu fiquei fazendo a articulação do grupo. Cada um expunha a sua parte específica e depois nós íamos estudando como que o meu ia se integrar com o dele, como todos os trabalhos iam se integrar porque nós íamos trabalhar na mesma área, juntos. Bem, quando nos sentimos preparados, lemos o que pudemos conseguir de literatura e, sobretudo, esse conhecimento pessoal. Bom, aí o ministério selecionou o município de Itaperuna e nós fomos para lá...

A senhora sabe porque escolheram Itaperuna?

Eles tiveram razões de ordem econômica, política lá, viu? E depois confiaram a nós a seleção, dentro do município, das áreas em que iríamos trabalhar. Tínhamos que escolher distritos para trabalhar, dentro do município, segundo os padrões, os critérios do ministério, do ponto de vista econômico, do ponto de vista de produtividade, do ponto de vista de instituições, o que tinha, o que não tinha. Então, começamos a visitar alguns distritos e acabamos selecionando dois: Boa Ventura e Santo Antônio dos Milagres, que eram realmente os mais atrasados. E por coincidência, um tinha orientação protestante e outro, católica. Isso foi também uma experiência interessante. Nós ficamos residindo no município, na sede do município, no hotel, cada um por sua conta. Eles nos davam salário e com aquele salário nós nos instalamos, cada um por sua conta. Alugamos os quartos, ficamos todos próximos, quer dizer, juntos, no mesmo hotel. E aí recebemos o equipamento que já tínhamos preestabelecido, porque o agrônomo disse o que ele precisaria, a enfermeira disse o que ela precisaria, cada um disse. Aí fomos primeiro visitar, nos relacionar com a comunidade. Fizemos algumas visitas e começamos então a fazer a interpretação para a comunidade, para a população local, do trabalho que o ministério pretendia fazer lá no município. E estabelecemos, com a liderança, porque visitamos várias vezes e logo descobrimos as lideranças, qual seria o nosso esquema.

Quem eram essas lideranças? Não estamos perguntando o nome não.

Agricultores, na maioria agricultores. Ocasionalmente tinha um que era deputado, tinha outro que era senador, ou uma professora... Professora é um elemento importante na zona rural. Os agricultores que sobressaíam mais na produção, o que eles faziam, enfim... E aí estabelecemos com eles o regime de trabalho. Nós trabalhávamos três dias da semana no interior e dois dias da semana na sede do município, porque era preciso trabalhar na sede já que o distrito depende do município. E se nós não pudéssemos exercer nenhuma influência no município, dificilmente conseguiríamos atuar nos distritos. Bem, e aí tudo foi na base de reunião, não é? Só se faz o trabalho com reunião, não se faz nada individual. A Ionita Torres, a enfermeira, conversando com as moças do lugar, elas se interessaram por aprender enfermagem, porque tem que partir dos interesses delas, da comunidade. Elas se manifestaram que queriam aprender enfermagem. E a Rute, que era de educação familiar. Rute... como era o nome dela? O agrônomo convocou os agricultores, os que moravam na zona rural iam ser trabalhados. Nos levantávamos às cinco horas da manhã, tínhamos um jipe, uma caminhonete e íamos. Mas escolhemos as duas áreas mais carentes do município, de maneira que não

havia estrada, era estrada de terra, muitas vezes o jipe atolava e tinha que ser tirado com junta de boi, era tudo assim, nessa base. Mas a missão ia e aí começava a desenvolver o programa. O agrônomo com os agricultores, ele ia para o campo ver as plantações, aquelas coisas todas. A Ionita e a parte de higiene da comunidade, eu fazia a parte social. Depois, no fim da tarde, quando os agricultores voltavam, reuníamos os agricultores para planejar a cooperativa, planejar o clube agrícola para as crianças, tudo aquilo. Nesse trabalho nós passamos dois anos e na verdade teve um resultado muito bom.

[FINAL DA FITA 2-A]

A senhora ficou dois anos lá, então?

Fiquei. Um resultado muito bom. Os lugares eram paupérrimos. Num deles criou-se um centro social, numa das comunidades, com enfermaria, com todos os recursos, biblioteca... E noutro, criou-se um grupo escolar. Era uma escolinha, só uma escolinha isolada. Mas tudo isso com trabalho envolvendo a comunidade toda.

No caso, qual dos dois distritos teve esse centro que a senhora falou?

Um deles teve o centro social e o outro teve o grupo escolar. Quer dizer, de uma escolinha isolada, uma salinha só de aula, acabou tendo um grupo escolar.

Que foi uma demanda da comunidade?

Da comunidade.

E eles mesmos atuaram para a criação desse grupo escolar?

Eles mesmos. Mas o interessante nesse trabalho não foi tanto o resultado final que se viu, mas o processo. Por exemplo, essa professorinha que havia lá na escola era uma professora colocada pelo senador do município. Quer dizer, era uma pessoa completamente inadequada, uma pessoa sem mentalidade nenhuma para o meio rural, uma moça do município que foi levada para lá e não deu resultado nenhum como professora. A partir desse trabalho de educação que nós fizemos, a professora era escolhida pela comunidade. Tanto que numa ocasião, no fim do primeiro ano, eles disseram: “Desta vez não vai ser a dona fulana não. Desta vez nós é que vamos escolher a professora.” Enfrentar um senador no meio rural não é brincadeira, não é?

A senhora sabe, lembra qual era o senador?

Ah, eu lembro muito da cara dele, mas felizmente não me lembro do nome.

Devia ser do PSD, Partido Social Democrático.

Era.

Essa era uma região de muita influência do PSD.

Mas aí é que está. No nosso trabalho, quando nós interpretávamos o trabalho, dizíamos: “Olha, aqui todos são membros da comunidade, é de igual para igual. Por exemplo, o político sempre se projeta, não é? Quando o político chega num lugar, todo mundo levanta, a cadeira melhor é para ele e é tudo nessa base, não é? Olha, aqui são todos iguais, todos são membros da comunidade. As funções públicas são para outra esfera. Não é aqui na comunidade.” Então, eu disse ao Tinoco- me lembrei do sobrenome do Senador⁴: Eu disse: “Olha, o senhor, quando for à reunião da comunidade é um igual. Ninguém vai lhe dar a cabeceira da mesa, todos estão no mesmo plano, como membros da comunidade. A única diferença é que o senhor, com o seu cargo, tem mais responsabilidade do que os outros. Mas, como cidadão, é igual ao Buquimpânia, é igual ao Carvalhal, é igual a todos.” Então, já foi uma posição diferente. Em vez de haver uma submissão, uma subserviência, porque todo aquele que se sente menor, se sente menor em tudo, deixa de ser um cidadão para ser quase um escravo, não é? Porque ele fica sujeito à autoridade do outro. Então, já houve uma inversão de posições lá. E de fato, isso foi se refletindo em todas as outras coisas. O político, dentro da comunidade, primeiro ele é um cidadão. Primeiro ele é responsável pelo bem comum, depois pelas exigências do partido. Isso é outra coisa.

E assim foi, em cada setor nós fomos pondo as coisas no lugar certo. Desenvolvendo primeiro o espírito de cidadania, as responsabilidades na comunidade, todos tinham que aceitar suas funções. Quando vinha uma tarefa a ser realizada, aquela tarefa era distribuída segundo a capacidade de cada um, a possibilidade de cada um etc. Então, todo o trabalho foi feito no sentido de despertar o interesse pela comunidade, a responsabilidade pelo bem comum, o espírito de cidadania. Por isso as coisas foram evoluindo, foi mudando a mentalidade.

Por exemplo, com as crianças no Clube Agrícola – havia um interesse em fundar um clube agrícola –, nós também as preparamos nesse espírito. Até na organização do clube agrícola, eleição da diretoria, aquilo tudo, as crianças foram preparadas para uma atuação democrática. Todos eles foram bem preparados. As responsabilidades de um presidente, as responsabilidades do secretário e isso e aquilo, não é? Não era a amizade que devia prevalecer, era a capacidade de cada um para o exercício daquela função, porque logo vinham as preferências: “Ah, fulaninho que é meu amigo, eu quero que seja isso...” “Não, você tem que primeiro examinar a capacidade de cada um, para que ele é mais preparado, o que ele pode fazer melhor. Então, ao serem escolhidos aqueles que vão ser votados, vocês têm que ver a função que ele vai exercer, se ele está apto para aquela função.” Foi muito interessante porque foi uma eleição completamente democrática no clube. E aí, até como a mentalidade dos meninos, o que ficou presidente tinha doze anos. Ele disse: “Eu agora já sei o que eu vou fazer quando for adulto.” Está vendo? Quer dizer, aquela experiência de criança, sabendo que precisava ter um espírito democrático e ter uma responsabilidade... “Aquilo deve servir para o seu futuro, deve servir para você como cidadão.” Ele disse: “Agora eu sei o que vou fazer quando for grande.”

Muito interessante. Tanto que na primeira colheita que houve – eles fizeram um plantio de algodão muito interessante lá –, na reunião para definir o que eles iam fazer com o dinheiro resultante da primeira colheita, tudo foi bem discutido na reunião. E aí, um levantou e disse: “Olha, o nosso Centro Social ainda está sem janelas. Eu acho que nós devemos ajudar porque o Centro Social vai ser nosso também. Nós estamos com esse dinheiro aqui e se vocês estiverem de acordo, quem sabe nós damos esse dinheiro para o bem comum do nosso Centro Social?” Então eles se despojaram daquele

⁴ Francisco Sá Tinoco, natural de Itaperuna, foi senador pelo PSD do Rio de Janeiro de 1947 a 1957.

dinheirinho que colheram, que conseguiram recolher da plantação de algodão, para botar as janelas do Centro Social. Nessas coisas mínimas é que a gente vai vendo como há uma mudança de mentalidade.

E também há uma mudança de qualidade na vida deles, não?

Pois é!

Do ponto de vista econômico também, não?

Sim, sim! E aí ele disse: “No nosso segundo plantio, nós vamos fazer uma coisa do nosso interesse. Mas agora vamos ver primeiro o bem comum da nossa comunidade.”

Eles organizaram uma cooperativa também?

Também. Muito, muito bom. Olha, o trabalho de comunidade, a meu ver, é o mais gratificante porque a gente vê a transformação das pessoas e a transformação do ambiente.

Esses trabalhos nessas duas comunidades, vocês faziam ao mesmo tempo ou fizeram primeiro uma depois outra?

Não, era simultâneo.

E elas eram bem próximas?

Eram. Agora, uma coisa curiosa foi que o trabalho da comunidade protestante resultou mais eficiente que o outro.

E a senhora atribui à questão da religião?

Atribuo. Porque os protestantes são muito rigorosos na questão do dízimo, eles são rigorosíssimos nessa parte financeira, todos contribuem, invariavelmente, pontualmente eles contribuem. E os católicos não têm esse espírito. Os católicos têm o dízimo, mas cada um dá o que quer, quando quer e se quiser; se não quiser, não dá. Então, a parte de organização e a parte financeira foram muito mais eficazes na comunidade protestante em virtude da mentalidade deles.

E o pastor ajudava nesse trabalho também?

Lá não tinha pastor. De vez em quando é que ele ia lá. De vez em quando.

Ah, tinha um pastor, mas que não ficava?

Não, não ficava. Tinha um que assumia as funções, enquanto o outro não estava. E o padre católico infelizmente fez uma guerra à nossa missão.

Ah, é? Ele se opôs?

É, porque ele queria exercer sozinho a influência no meio rural. E quando nós fomos para lá e começamos a fazer esse trabalho de educação, quando interpretamos a nossa função lá, ele de saída já se posicionou: não ia cooperar. Porque ele não queria perder a influência que tinha lá.

E ele ficava lá?

Não, ele quase não ia, quase mesmo. Mas se opunha a tudo.

Ele não ia no distrito?

Não ia. Ficava na sede.

Na sede do município?

É. Mas tudo aquilo que dependia da sede, da aprovação dele, ele cortava. Foi um elemento negativo no nosso trabalho, infelizmente.

E isso abalou a fé religiosa da senhora?

Não, não abalou porque eu sei que cada pessoa tem uma atitude na vida.

Houve outras resistências ao trabalho, além da desse padre?

No começo, houve a resistência política. No começo, antes deles entenderem que o nosso trabalho era de educação, que nós não íamos exercer nenhuma influência partidária, que era um trabalho social de desenvolvimento da educação, da cidadania e que nessa parte política nós não íamos interferir, quando eles entenderam isso, acabou. Tanto assim que, na época de eleição, porque nós passamos um período lá em que houve eleição, eles não iam ao interior quando sabiam que nós estávamos fazendo reunião de comunidade. Para eles era a melhor coisa que havia, porque, imagina, já encontrarem o pessoal todo reunido, seria só deitar o verbo, não é? Mas eles nos respeitaram.

Eles quem? O prefeito, o senador, candidato?

Os políticos, os políticos.

O Senador que a senhora falou...

Ele não ia, não ia fazer comício.

Mas ele também não atrapalhou?

Não, pois ele não ia! Ele respeitava. Se era nosso dia de trabalho, às vezes eu reunia 500 agricultores, ele não ia fazer política.

Foi bom a senhora ter falado nisso, porque nós queríamos ter uma idéia, mais ou menos, do tamanho dessa comunidade. Agora a senhora falou em 500 agricultores.

Ah, é! Chegava a reunir isso. Porque eles vinham do interior.

Mas e a comunidade?

Não, a comunidade era pequena. Mas quando havia reunião da missão, do grupo todo, eles faziam questão de ir. E as reuniões só podiam ser à noite. Então eles iam.

Os agricultores?

É, eles iam e às vezes as nossas reuniões terminavam às 11 horas da noite. Às vezes, nós chegávamos na sede do município à uma hora da manhã.

Quer dizer que esses quinhentos agricultores eram todos de um desses distritos?

Não, só do distrito não. Vinham de muitos outros lugares.

De outros distritos então?

É, é.

Então, na verdade, essa missão ultrapassou os distritos?

Ah, sim! Quer dizer, ela trabalhou concretamente em dois, mas a influência foi muito maior. Nós incluímos Natividade, Bom Jesus do Itabapoana e vários outros lugares.

Esses não são só outros distritos, são outros municípios do estado do Rio de Janeiro.

Municípios, é.

Bom Jesus do Itabapoana é outro município.

É outro município. Natividade também. Nós chegamos a fazer reuniões em Natividade. Foi muito bom esse trabalho.

E a senhora ficou dois anos vivendo lá?

Vivendo lá. Depois eu saí e ficou uma colega minha, Lourdes, Maria de Lourdes Palmer. Agora ela mora aqui, em Botafogo. Maria de Lourdes ficou lá muito mais tempo, depois que eu saí. Quando se inaugurou o grupo escolar, eu já não estava mais lá. A Maria de Lourdes Palmer é que deve saber como foi, como evoluiu aquilo tudo.

Esse trabalho então teve continuidade?

Teve! Agora, quanto tempo eu não sei. Porque depois eu vim para o Rio e aí me desliguei, voltei para Porto Alegre e tal...

Por que é que a senhora deixou o trabalho?

Aí houve uma ruptura, Era um trabalho do Ministério da Agricultura, mas como era Missão Rural de Educação de Adultos, o Ministério da Educação, não sei se mudou

chefia lá, achou que era atribuição dele. E começou a haver uma guerrinha interna entre os dois e a missão propriamente foi desfeita, por interferência política na esfera do ministério.

E aí todos então voltaram? Não só a senhora?

Toda a equipe.

E essa equipe permaneceu lá durante esse período todo, as mesmas pessoas ficaram lá dois anos?

Sim, com exceção... Uma coisa interessante: lá em Itaperuna tinha um médico, diretor do centro de saúde, um elemento formidável. Ele aderiu ao nosso trabalho, se integrou à equipe, viajava conosco para os distritos, doutor Edberto Souza. Um médico fora de série. Trabalhou conosco, com uma dedicação fantástica, entendeu o trabalho da missão rural. Ficou como um membro da equipe sem remuneração nenhuma, sem nada. Foi um elemento formidável! Agora, tivemos um outro médico na equipe que em uma semana, deixou. Porque nós decidimos que não receberíamos favor pessoal, nenhum. No meio rural há muito essa questão de dar presente, uma dúzia de ovos... As pessoas de mais autoridade, os agricultores estão sempre querendo agradar. E nós resolvemos, para não haver esse espírito, que nenhum de nós aceitaria nada, nenhuma manifestação de agrado pessoal. Então, prevenimos a comunidade. “Olha, vocês, por favor, não levem a mal, mas...” – às vezes queriam oferecer uma coisa – “nós não aceitamos. É assim e tal.” E esse médico que estive na equipe, ao contrário. Ele ficava sugerindo: “Olha, me traga uns ovinhos frescos. Olha, me traga um queijinho fresco.” Em uma semana nós o botamos para fora da equipe. Não pode haver trabalho nessa base porque um que tem recursos, um agricultor, traz e tal; o que não tem, já fica acanhado de não poder fazer agrado nenhum. Então nós não aceitamos nada de ninguém. E esse médico era interesseiro, uma coisa horrorosa! Em uma semana, nós o colocamos fora da equipe. E era esse espírito que o pessoal apreciava, sabe?

Por exemplo, outra coisa que foi marcante no trabalho foi que a nossa palavra, quando dada, ela valia. E assim também a palavra deles, ouviu? Dar *valor* à palavra. Nós dizíamos: “Olha, tal dia nós vamos voltar aqui para fazer essa reunião que vocês estão pedindo.” Às vezes vinha um temporal que era uma coisa. Mas se a equipe dizia que ia, eles diziam: “A equipe vem.” Nós às vezes atolávamos no caminho, mas íamos. Esse valor da palavra, o cidadão tem que ter e tem que haver essa valorização. Eles diziam: “A equipe disse que vem, então ela vem.” E eles iam com chuva, sem chuva, iam de todo jeito, na hora certa. Às vezes nós atrasávamos uma hora, mas eles estavam lá esperando. Porque sabiam: “Prometeu? A equipe vem.” Nunca, nunca se faz uma promessa sem cumprir. Essas coisas são comezinhas, mas são fundamentais para uma convivência social sadia. Quando nós fazíamos a reunião, eu fazia o relatório. “Seu Fulano disse isso, Seu Fulano opinou assim.” E antes de começar a reunião, eu lia o relatório da reunião anterior. O espanto deles quando viam seus nomes associados à opinião que haviam dado! Quer dizer, eles aprenderam que uma opinião que se dá numa reunião tem que ser respeitada. Todos têm o mesmo valor quando opinam, não é? Então eles se sentiam valorizados. Houve uma mudança de mentalidade enorme.

Dona Aylda, a senhora está falando dessas reuniões e eu estou entendendo que elas eram principalmente com os agricultores.

Não, as famílias. Iam eles, as esposas, às vezes iam os filhos também. Mas eram especificamente para os agricultores. Tinha uma parte técnica, quando o agrônomo tomava a palavra sobre o assunto que interessava aos agricultores, e a outra parte era relativa aos problemas que interessavam à comunidade.

Então as mulheres e até as crianças iam também?

Iam, iam.

E às vezes, pelo que nós entendemos, tinha reuniões setoriais?

Ah, tinha!

Reuniam só as crianças para decidir sobre o clube?

Não, a parte das crianças era de tarde, separada, só para elas. Para as mulheres, quando era assunto estritamente feminino, que dizia respeito a elas.

Por exemplo, coisas de saúde?

De saúde, de alimentação – se cuidou muito dessa parte de alimentação –, higiene, tudo isso era à parte. Agora, à noite eram as reuniões com os agricultores para assuntos específicos e as reuniões da comunidade, envolvendo todos. Qualquer um tinha uso da palavra, qualquer um podia se manifestar.

E normalmente eles iam? A população dessa região toda se mobilizava?

Iam! Vocês não imaginam o interesse pelas reuniões. Eles enfrentavam mau tempo, enfrentavam estrada ruim, enfrentavam tudo aquilo mas faziam questão de comparecer.

E essas reuniões aconteciam onde? Lugares variados ou tinha uma sede?

Quase sempre ao ar livre. Quase sempre ao ar livre.

Porque nem cabia, não tinha lugar nem casa?

Não, nem cabia, não é?

E vocês tinham carro?

Tínhamos.

Um jipe?

Tínhamos uma pick-up e um jipe, porque usávamos muito a parte audiovisual. Nós tínhamos uma ótima máquina de projeção, muitos filmes que nós levávamos das embaixadas, dos consulados. O Canadá nos forneceu muito material para saúde, para alimentação. E também da parte de desenvolvimento agrícola da própria comunidade. As primeiras projeções vocês não imaginam. Havia gente que nunca tinha visto uma projeção. Quando se projetava o filme iam para trás da tela para ver...

A máquina, não é?

Não! Que a máquina! Se aquilo estava sendo feito atrás da tela. Nós tínhamos que projetar às vezes *três* vezes o mesmo filme para eles se fixarem na mensagem. Por exemplo, se era uma questão de higiene na ordenha, nós explicávamos o filme e tal, mas eles ficavam tão encantados na imagem, eles iam para trás da tela para ver o que tinha lá. Só na terceira projeção e que eles se fixavam na mensagem.

Coisa que também tem uma influência enorme na educação das crianças. Eu descobri coisas interessantes. Por exemplo, uma criança que furtou – não me lembro mais o quê – de um colega. Com o fantoche, a criança se confessou de público.

Falou tudo o que tinha feito?

Falou para o boneco. Não havia jeito de ninguém descobrir quem tinha furtado tal coisa. Não havia jeito. Pois num teatrinho de fantoche, uma historinha que eu inventei lá, a criança se abriu para o boneco, confessou. São coisas pequenas, mas eu acho que de uma importância enorme.

A senhora está falando de projeção de filmes, do uso de teatro de fantoches...

Fantoche eu usei muito para recreação, para o próprio ensino e sobretudo para recreação. Agora, a projeção nós usamos muito para a saúde, para a alimentação, para a agricultura, para o desenvolvimento social na cooperativa, no clube agrícola. Nós tivemos muitos filmes, muito bons. O Canadá ofereceu muitos filmes bons.

Outros tipos de recursos, como jornais-murais?

Ah, muito! Eu usava muito flanelógrafo

O Curso Normal ajudou, não?

Ah, me ajudou muito! E antes disso, nós fizemos aqui, com aquele que fazia muito artesanato, Augusto Rodrigues, lembram? Nós fizemos um cursinho antes com o Augusto Rodrigues para gravação, para teatro de fantoche, para recreação, para tudo isso.

E vocês os estimularam também a produzir algumas coisas do ponto de vista cultural?

Muito! Faziam muito. A criança gosta muito de desenho, não é? Então eles faziam muito desenho. Aqui tem, até.

Aí no livro tem, não é? No livro que a senhora tem na mão. Daí a senhora partiu, foi para o Rio Grande do Sul, quando saiu de Itaperuna. Mas continuou a carreira de assistente social?

Continuei como voluntária. Eu me casei e o Mário Goulart Ferrez, que era engenheiro mas tinha muito senso social e trabalhava *muito* no social. Ele era engenheiro da Viação Férrea. Ele fazia muito trabalho social porque viajou, foi para a França, para a Bélgica e como era engenheiro de estrada de ferro, viu muitos programas que se faziam

na Europa em benefício dos operários, das famílias. Ele já trabalhava muito no social quando me conheceu.

E aí, daí para a frente, a senhora só fez trabalho voluntário?

Só voluntário.

Esse foi o grande trabalho da sua vida profissional, dona Aylida?

Eu fiz também muita coisa no interior aqui. Trabalhei no Rio Grande do Norte, em Pernambuco ... Em Bom Conselho, estive no Rio Grande do Norte, Pirapora...

[FINAL DA FITA 2-B]

Isso enquanto a senhora ainda estava aqui no Rio dirigindo a Escola?

É, mas depois eu trabalhei cinco anos como voluntária na CNBB.

Depois que a senhora foi para Porto Alegre?

É, que voltei.

A senhora trabalhou como voluntária da CNBB e foi nesse tempo que a senhora viajou por esses lugares do Brasil?

É.

E a senhora ia fazer trabalhos ligados ao Serviço Social?

Fazia muito!

De comunidade, dona Aylida?

É. Sempre me interessei pela comunidade. Por exemplo, eu chegava num lugar, visitava todas as escolas. E aí fazia trabalho com as professoras, de atualização. Eu reunia as professoras todas das escolas primárias e aí atualizava em relação à função da professora, porque como eu fui professora, como eu me formei como professora, eu trabalhei muito elas.

Dona Aylida, nós vamos agradecer muito à senhora, seu esforço enorme... A senhora quer falar mais alguma coisa só para encerrar?

Não, não. Só uma coisa eu quero dizer: que o serviço nunca me decepcionou. Hoje o Serviço Social não é mais o que era antigamente. Hoje eu não ponho a mão pelo Serviço Social. Desapareceu! Eu acho que ele se fragmentou. Surgiram muitas novas profissões que esvaziaram o Serviço Social. Hoje o trabalho que o Serviço Social faz, a meu ver, pelo menos em algumas experiências que conheço, é tão insignificante, é tão sem sentido que nem vale a pena. Surgiram muitas outras profissões que foram

assumindo tarefas que naquele tempo eram do Serviço Social. Eu não estou condenando, eu estou dizendo que ele praticamente desapareceu e se esvaziou, entende? Se esvaziou.

Agora, a senhora de qualquer maneira falou que ele nunca lhe decepcionou.

Ah, nunca! Enquanto foi Serviço Social como nós aprendemos, na visão do Serviço Social que nos foi apresentado por mademoiselle du Marsaud e que eu acho que houve na França, realmente muito bom, esse serviço social é de entusiasmar. É de entusiasmar. Nunca me decepcionei.

E a senhora ficou ligada a ele muito tempo, não é? Porque a senhora trabalhou nos anos 1940 e os anos 1950 todo.

É. E mais do que isso, porque eu continuei trabalhando como voluntária! Eu trabalhei em Joinville, trabalhei em tantos lugares. Lá em Santa Maria. Aí já com o Mário, não é? O Mário fundou a Escola de Serviço Social de Porto Alegre, recebeu pela universidade o título de assistente social, de tanto que ele sabia de serviço social.

E a senhora teve alguma vinculação com a Escola de Serviço Social de Porto Alegre?

Quer dizer, tive e não tive. O Mário foi diretor lá e eu que mandava as assistentes para lá!

Mas a senhora dava aula lá?

Não, nunca dei. Continuei como voluntária, não é? Com ele eu fiz só trabalho voluntário.

[FINAL DO DEPOIMENTO]